


CLUBE PALMARES: PROJETO DE REFORMA PARA UM QUILOMBO URBANO PALMARES CLUB: REFORM PROJECT FOR AN URBAN QUILOMBO

Guilherme Silva Hott	Centro Universitário Geraldo Di Biasi UGB/FERP - Volta Redonda gshhott@gmail.com
Andrea Auad Moreira	Centro Universitário Geraldo Di Biasi UGB/FERP - Volta Redonda auamoreira@gmail.com
Carlos Antônio de Almeida Baião	Centro Universitário Geraldo Di Biasi UGB/FERP - Volta Redonda cabaio@gmail.com
Damiana S. Bastos de Almeida	Centro Universitário Geraldo Di Biasi UGB/FERP - Volta Redonda 4242@academicougb.com.br
Denys Alves Pio Pereira	Centro Universitário Geraldo Di Biasi UGB/FERP - Volta Redonda denys.pio@hotmail.com
Roberto Pimenta da Cruz	Centro Universitário Geraldo Di Biasi UGB/FERP - Volta Redonda 982@academicougb.com.br
Resumo	O Clube Palmares é uma associação fundada em 1965 com o propósito de promover atividades, como oficinas, encontros e debates voltados à educação, integração e capacitação da comunidade negra e carente de Volta Redonda. Ocupa desde 1975 sua sede permanente, no bairro Jardim Europa, como quilombo urbano para a valorização e resgate da cultura afro-brasileira. Construída aos poucos e com fundos limitados, a sede do Clube conta com carências visíveis que, em certo nível, comprometem a execução das suas atividades. Dessa forma, o trabalho consiste nos estudos preliminares para subsidiar a reforma desse espaço, a partir de sua contextualização histórica, a definição de referências conceituais, projetuais e programáticas, a pesquisa de conceitos, elementos e materiais construtivos da arquitetura afro-brasileira, entrevistas, visitas ao local e análise da legislação urbana incidente. Tais estudos serão capazes de auxiliar na construção de um projeto consciente que reflita a cultura, os valores e história do Clube na arquitetura.
Palavras-chave	Reforma. Clube Palmares. Memória negra.
Abstract	Clube Palmares is an association founded in 1965 with the purpose of promoting activities like workshops, meetings and debates for education, integration and qualification of the black and needy communities of Volta Redonda. It is located in Jardim Europa since 1975 on its permanent grounds as an urban quilombo, maintaining a valorization and cultural rescue of the afro-brazilian cultures. Built gradually with limited funds, the space has visible deficiencies that compromises its use. The present work consists of the preliminary studies for the renovation of this urban quilombo from its historical contextualization, the definition of conceptual, project and programmatic references, the search for concepts, elements and construction materials of the afro-brazilian cultures, interview, field visits and the analysis of urban laws. This study can help build a conscious project that reflects the culture, values and history of Clube Palmares in architecture.
Keywords	Reform. Clube Palmares. Black history.
<div>  </div>	
<div> <div> Licença de Atribuição BY do Creative Commons https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ </div> <div> Aprovado em 09/11/2025 Publicado em 29/12/2025 </div> </div>	

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Volta Redonda, planejada para dar suporte à implantação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em 1941 sob a promessa de centro da sociedade moderna da Era Vargas (Lopes, 2023), era um espaço também de discriminação e desigualdade. Nessa cidade dita ideal viveria um homem também ideal, como menciona Lopes (2023), que receberia um “ritual de passagem” com intuito de padronizá-lo, controlando sua vida pública e íntima, inclusive suas manifestações, como festas e comemorações – e, igualmente, sua negritude. Entretanto, o fortalecimento do movimento negro e as reivindicações populares diante da segregação socioespacial em Volta Redonda no período evidenciam o racismo intrínseco ao projeto de Vargas, com um homem ideal sendo fundamentalmente branco. Em um cenário ainda agravado pelo início da ditadura militar, em 31 de Janeiro de 1965, o Clube Palmares é fundado como uma associação voltada à formação, capacitação e conscientização da população negra da cidade, especialmente os operários e suas famílias, atuando também politicamente a partir de 1970 (Assis, 2024) e ainda ativo atualmente.

O presente trabalho consiste nas pesquisas de orientação para a elaboração de um projeto de reforma para o Clube Palmares, um quilombo urbano na popularmente conhecida como Cidade do Aço. Esses estudos, essenciais para a delimitação do objeto arquitetônico, pretendem analisar o contexto de criação do Clube e construção da sede, assim como o seu local, o entorno e a legislação urbana incidente, complementados pelo aprofundamento em referências conceituais e projetuais e na arquitetura afro-brasileira. Em conjunto, essas etapas culminam na construção de um programa de necessidades preliminar para a intervenção. Foi realizada em fontes primárias e secundárias de pesquisa, com a revisão bibliográfica de conteúdos relacionados ao Palmares, além de visitas ao local, diálogos frequentes com a diretoria e membros do Clube.

O interesse na realização da reforma do quilombo urbano parte da sua própria diretoria atual, que expressa em seu site institucional (Clube Palmares, s.d.) o desejo em realizar melhorias para futuras atividades, projetos e eventos e aponta carências em seu espaço e infraestrutura. Além de uma intervenção em seu espaço, a reforma do Clube Palmares possui também uma dimensão simbólica: envolve reagir ao apagamento cultural forçado da população preta e refletir, em sua arquitetura, os valores e a importância da comunidade palmarina – forma como os membros se autodenominam, referenciando aqueles do Quilombo dos Palmares. Assis (2024) evidencia a forma como o Clube Palmares era excluído do cenário cultural volta-redondense e as dificuldades enfrentadas para a implantação da sua sede permanente. Esses fatores influenciaram diretamente na construção do espaço, com uma arquitetura retraída, neutra e totalmente murada, protegida do redor, de forma semelhante aos terreiros. Ainda mais, a reforma é uma oportunidade de reafirmar sua presença como um espaço de resistência e de difusão da cultura afro-brasileira com impacto regional, levando o Palmares além dos seus muros. Com um ambiente preparado para receber suas atividades, o intuito

é atrair um público maior, contribuindo para transmitir a mensagem palmarina e adquirir fundos para permanecer em funcionamento. A intervenção envolverá duas ordens de projeto: o hoje, para tratar de problemas urgentes e a utopia palmarina, onde o espaço será devidamente transformado. Nesse caso, utopia na concepção lefebvriana (2001) de uma meta a longo prazo, um sonho executável, mesmo que em etapas. Essas duas ordens compõem fases de um único projeto.

2. UM QUILOMBO URBANO NA CIDADE DO AÇO

Os clubes associativos se tornaram uma referência de lazer e status social nos anos 1940 e 1970 (Assis, 2024). Em Volta Redonda, uma cidade projetada como suporte à implantação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), fundada em 1941 com a aura de “eldorado nacional desenvolvimentista de Vargas” (Silva, 2016), diversos clubes, como o Clube Umuarama, Clube dos Funcionários, Aero Clube e Náutico, foram fundados como os espaços de lazer para o operário e sua família. Planejada sob a égide do urbanismo moderno, Volta Redonda setorizava seu território em funções bem delimitadas, com o habitar, trabalhar, recrear e circular (Moreira, 2014). Uma separação ocorre também na divisão espacial e ocupação dos bairros, hierarquizando a população segundo o cargo ocupado na indústria, com um bairro de engenheiros, outro de técnicos e outro de operários. Apesar de toda a área planejada contar com boa infraestrutura, o desenho urbano desses bairros e sua localização privilegiavam diretamente os cargos mais elevados, ocupando áreas mais arborizadas e com baixa incidência de poluição da Companhia, além de se localizarem ao alto, demonstrando um poder de vigilância da cidade (Moreira, 2014). A população de baixa renda sequer goza da infraestrutura da cidade planejada, sendo empurrada para as periferias, onde é ora prejudicada pela escassez de serviços públicos, ora pela posição desfavorável em relação à dispersão de poluentes da CSN, quando não ambos (Peiter, Tobar, 1998). De forma semelhante, os clubes da cidade eram também destinados, cada um, a um público-alvo conforme o cargo ocupado na CSN, sendo uns mais populares que outros. O próprio projeto da cidade, então, já previa assimetrias sociais graves.

A Companhia, encarada no período como “empresa-mãe”, colaborava com a criação desses clubes a partir da doação de terrenos para a construção das suas sedes (Assis, 2024). Mesmo entre os clubes populares, o acesso de pessoas negras em eventos passou a ser dificultado, assim como outras manifestações de cultura afro-brasileira, em um contexto em que 70% dos funcionários da CSN eram negros e ocupavam, em sua maioria, cargos pouco qualificados (Silva, 2023). Assis (2024) explicita que esse impedimento não contou com proibições explícitas, porém a população negra passou a enfrentar processos de exclusão e discriminação nesses espaços. Um exemplo da autora é o caso de Nazário Dias, posteriormente um dos membros fundadores do Clube Palmares, que foi expulso do quadro de associados do Clube Náutico apenas por tocar tamborim em uma escola de samba. Restavam como alternativas aos negros os modestos ambientes sociais, como as gafieiras, que, entretanto, eram mal vistas pela população na época (Clube Palmares, s.d).

Diante disso, João Laureano, operário negro da CSN, Nazário Dias, engenheiro negro da Companhia e Maria da Glória Oliveira, professora negra, se unem e fundam o Clube Palmares, em 31 de janeiro de 1965, como espaço de lazer e liberdade para a sociabilidade da população negra da cidade (Clímaco, Silva, 2020), utilizando as cores verde e branco como sua marca e o nome pela relação da proposta com o Quilombo dos Palmares. A ideia inicial era elevar a cultura do negro e incentivar a formação acadêmica, depois, a partir dos anos 1970, se voltando aos jovens e à conscientização como uma entidade negra com atuação política, a partir da articulação com o Movimento Black de Volta Redonda para a denúncia do preconceito racial e combate aos ideais do regime militar (Clube Palmares, s.d). Essa movimentação política teve impacto considerável, com um fichamento da polícia política no APERJ (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro) e a exigência de prestação de contas ao 1º Batalhão de Infantaria Blindado (1º BIB), de Barra Mansa, além da presença recorrente de agentes à paisana para vigiar os eventos (Assis, 2024). Na época, eram realizados bailes tradicionais e concursos de miss, palestras com representantes de movimentos negros da cidade e personalidades de referência, e ainda o totalmente feminino “Coral Palmares” (Clube Palmares, s.d). Os eventos eram frequentados principalmente por operários negros e suas famílias.

Os encontros do Clube, no período da sua fundação, ocorriam em diversos locais da cidade, desde a residência de palmarinos a salas alugadas (Clube Palmares, s.d). Para a construção da sede permanente, os fundadores solicitaram à Companhia a disponibilização de um terreno, assim como ocorrera com os demais clubes, entretanto foram acusados de querer fundar um clube racista (Assis, 2024). No mesmo período, como Assis (2024) pontua, a CSN doou um terreno aos engenheiros para a construção do Clube Laranjal, demonstrando, desde a sua fundação, um desrespeito aos ideais do Palmares. Os fundadores, então, adquiriram um terreno por conta própria no bairro Jardim Europa, até então um bairro operário e atualmente ocupado pela classe média alta branca, para a construção da sede. Diferentemente dos demais clubes, que se localizam nos bairros centrais, como a Vila Santa Cecília e Aterrado, áreas que eram de controle direto da Companhia antes da emancipação da cidade e que gozam de infraestrutura de ponta, o Palmares se instalou em uma zona considerada periférica, apesar de ser um loteamento regular e de qualidade. O bairro é próximo ao centro, porém reclusa, em uma zona habitacional consolidada que valorizou consideravelmente, mesmo com a proximidade à usina e sofrendo os efeitos da poluição sonora e do ar.

A ocupação do Clube no bairro foi duramente questionada. Em um terreno grande e de destaque, os moradores questionavam a posse, alegando irregularidades ao poder público e elaborando abaixo-assinados. Também assumiam desejar a construção de uma praça no local, não “um grupo de samba”, nas palavras deles (Assis, 2024). A maior agressão acontece em 1985, quando, apontando ser uma construção de posse irregular, a Prefeitura Municipal de Volta Redonda enviou funcionários para a sua demolição. Parte do muro foi demolida, mas precisou ser reconstruída após a comprovação da

propriedade regular do terreno (Clube Palmares, s.d). O preconceito era visível também pela própria administração da CSN, que tratava o Palmares com invisibilidade, diferentemente dos demais Clubes. A investigação de Assis (2024) acerca do associativismo negro no Vale do Paraíba demonstrou, a partir da análise das edições do jornal institucional “O Lingote”, meio de comunicação oficial da empresa com seus funcionários, que contava com colunas sociais onde eram anunciados eventos diversos e festejos nos Clubes da cidade, que o Clube Palmares nunca foi incluído, apesar da sua influência.

Nos anos 1980, a diretoria do Clube alcança uma articulação maior com a Prefeitura no governo do prefeito Marino Clinger, sendo convidado a participar de diversos eventos e garantindo apoio para atividades (Clube Palmares, s.d). No final da década o movimento do Palmares decaiu devido à conflitos de ideais entre a antiga geração de diretoria e os novos associados, com o abandono massivo e seu declínio (Assis, 2024). A partir dos anos 2000, retoma suas atividades com uma diretoria reestruturada e com a proposta voltada à educação, integração e capacitação (Clube Palmares, s.d.). Apesar de ainda receber denúncias e ser indesejado pela Prefeitura, como exposto em entrevista concedida por Edson Daniel João (2025), o Clube Palmares continua ativo e, nos últimos anos, se voltou para a valorização da sua importância política e social para a comunidade afrodescendente e a sociedade de Volta Redonda, sendo um local de memória fundamental na construção da negritude entre os trabalhadores do Sul Fluminense, decisivo na luta contra o racismo na cidade (Clímaco, Silva, 2020). Atualmente, sedia cursos de pré-vestibular para negros, cursos de capacitação profissional, de educação antirracista, oficinas de culinária, dança, percussão, jongo, capoeira, recreação infantil, além de iniciativas como a “FeirAfro”, impulsionando pequenos negócios de pessoas negras, e a “Tardezinha no Palmares”, em que recebe expositores da “FeirAfro” com moda, gastronomia e música afro-brasileiras.

Em todo esse período, manteve a valorização da cultura negra como premissa maior, recebendo grupos de samba e pagode para apresentações na sua sede, realizando oficinas e eventos diversos (Clube Palmares, s.d). O intuito sempre foi “promover o lazer ao mesmo tempo em que se preocupava com a instrução de seus associados, se caracterizando como um espaço para além da sociabilidade” (Assis, 2024). Sua atuação extrapola a sede, contribuindo para o fortalecimento do movimento negro na cidade e a idealização do Memorial Zumbi dos Palmares, um centro cultural voltado às manifestações afro-brasileiras. Como demarcado por Lucas, Costa e Silva (2025), é um importante movimento negro e sua ação educadora transcende a simples promoção de eventos e cursos, se empenhando em fomentar a reflexão das questões étnico-raciais, fortalecendo laços e resgatando valores afro-brasileiros. Essa atuação “contribui para a formação de uma identidade coletiva que valoriza a diversidade e a história negra no Brasil” (Lucas, Costa, Silva, 2025). A proposta atual do Clube é levar sua importante história, luta e mensagem para fora dos muros e atingir um novo público.

2.1 A sede do Clube Palmares

O Clube Palmares é uma associação filantrópica com objetivo principal de elevar a cultura de pessoas negras e valorizar a cultura afro-brasileira por meio de palestras, eventos, oficinas e encontros diversos (Clube Palmares, s.d). Desde 2016, possui o título concedido pelo governo do Estado de Ponto de Cultura Dará Palmares, contando com apoio do Ministério da Cultura. Com histórico de denúncias dos moradores do bairro Jardim Europa contra o Clube, sua sede se ergueu em uma edificação simples e totalmente murada como estratégia de proteção.



Figura 1: Área Externa do Clube Palmares

Fonte: Arquivo do Autor.

A arquitetura existente é muito simples, entretanto se adapta às diversas atividades que abriga. É marcada, externamente, pelo alto muro verde, sendo uma parte aquela reconstruída pela Prefeitura após a demolição indevida em 1985, ainda perceptível e um testemunho importante, incorporando à alvenaria grande simbolismo. As calçadas possuem grandes árvores que colaboram para amenizar o clima no Clube, porém diminuem consideravelmente a área de passagem de pedestres, sendo impossível a circulação em certos trechos. As três palmeiras na calçada da lateral foram plantadas em homenagem aos três fundadores do Clube Palmares: Maria da Glória, João Laureano e Nazário Santos Dias (Edson Daniel João, 2025).

O acesso principal se dá pela Avenida Roma e conta com uma grande placa com o título de “Ponto de Cultura Dará Palmares” acima do portão principal, enquanto o acesso secundário se dá pela Rua Paris, aos fundos, e divulga a Biblioteca Comunitária Dagó em uma placa presa à parede. O principal também conta com um contato externo à bilheteria, atualmente desativada. Ambas as ruas são de mão dupla. A sede é próxima da Rodovia Sérgio Braga, a Fábrica de Cal da CSN, que domina a paisagem, e faz divisa com os bairros Conforto e 249, todos visíveis pela fachada principal.

Em um morro, o Clube aproveita da topografia criando quatro níveis, sendo a maior parte

nivelada. O terreno possui área total de 946,00 m² e é bastante arborizado, o que protege as áreas livres da insolação forte da tarde, enquanto se volta principalmente para o Leste, com temperaturas mais amenas da manhã. A ventilação predominante em toda a cidade de Volta Redonda é Sudeste, porém, por se tratar de um morro, possui ventilação bem distribuída.

Internamente, o Clube articula diversos setores que possuem usos mistos, sendo a principal prioridade sempre a convivência: o setor social interno é composto pelo salão com palco, camarim, bilheteria, administração e caixa, o social externo com uma grande área livre de pátio, o social misto, onde se encontram os banheiros e o bar e o setor educativo com uma sala de aula, a Biblioteca Comunitária Dagó, o Centro de Documentação e a cozinha. Em uma área mais isolada do terreno, aos fundos, se encontra o setor íntimo com a residência de Julinho dos Palmares, um importante membro do Clube e expoente músico de Volta Redonda falecido no ano de 2024, que se encontra atualmente sem uso. Os blocos foram construídos em períodos distintos e destoam entre si pela estrutura, cores, esquadrias e acabamentos utilizados. A sede foi construída aos poucos pelos próprios membros do quilombo e sem supervisão técnica, dessa forma os espaços não seguem um planejamento e possuem carências visíveis. O imprevisto acarreta também em problemas de fluxo resultantes de implantações inadequadas, assim como insolação excessiva e ventilação inadequada ou ineficiente das áreas.



Figura 2: Área Interna do Clube Palmares: à direita, o setor educativo e à esquerda o social interno, com seu grande salão.

Fonte: Arquivo do Autor.

Semanalmente, o quilombo oferece oficinas de capoeira, dança, percussão, sonorização e jongo, além da 4ª edição do curso “Por uma educação antirracista”, principalmente nesses dois ambientes. Em situações especiais, recebe outros cursos, atividades infantis, como o Quilombo e Quilombinho Palmarinos, o incentivo ao afro-empresendedorismo com a “Feirafro”, assim como shows, feiras, encontros acadêmicos, organizados por educadores e pesquisadores negros da comunidade. Em alguns desses eventos, os pertences de Julinho dos Palmares, como instrumentos, anotações,

fotografias e roupas, são expostos ao público como forma de homenagear e celebrar sua vida. Assim, são espaços múltiplos e, por isso, o mais amplos o possível, onde o mobiliário se adapta para cada atividade.

2.2 As contribuições de Kéré, Porto e Lina

Um lugar potente como o Clube Palmares não deve receber um projeto autoritário, mas consciente. Esse projeto deverá ser construído coletivamente, com um diálogo frequente com os palmarinos e se adaptar a custos baixos, visando ser executável. Ligado diretamente a Sérgio Ferro e o grupo Arquitetura Nova (Arantes, 2002), a proposta pretende um novo olhar sobre o canteiro de obras, com o trabalho coletivo e a liberdade projetual sendo essenciais para a sua elaboração: reformar a sede do Clube Palmares significa representar sua identidade na arquitetura, englobando opiniões e sugestões dos que frequentam, fugindo da ideia do arquiteto distanciado da obra e o desenho como método repressivo. Três arquitetos se alinham às ideias: Francis Kéré, Severiano Porto e Lina Bo Bardi, cujos trabalhos se cruzam no que diz respeito à importância de se adotar uma consciência projetual que valorize o contexto local e cultural, os recursos disponíveis e o aprendizado contínuo.

Francis Kéré, arquiteto africano de Burkina Faso ganhador do Prêmio Pritzker de Arquitetura de 2022, utiliza da arquitetura como ferramenta para emponderar e transformar comunidades. Sua construção é coletiva e enraizada no local, onde Kéré e sua equipe se aprofundam na cultura e forma de construir local através do diálogo com a população (Kere Architecture, s.d). A participação popular é considerada o ponto inicial e final de projeto - inicial, ao colaborar com habilidades, experiências e conhecimentos, e final ao usufruir do espaço e, caso necessário, adaptá-lo, como descrito no site do escritório do arquiteto, Kere Architecture (s.d).

Da mesma forma, Severiano Porto, arquiteto mineiro conhecido como “arquiteto da floresta”, se adaptava para construir em locais remotos da Amazônia. Zein (1986) menciona que, com a escassez de materiais nesses ambientes, Porto foi guiado a aproveitar ao máximo os recursos disponíveis e a aprender com o “homem da região”, que já possui uma relação própria com ferramentas e materiais do local. O arquiteto valoriza “viver a obra” e adquirir conhecimentos a partir dela, considerando o canteiro “importantíssimo para o arquiteto e muito difícil de se conseguir” (Zein, 1986).

Tal consciência projetual se reflete também na postura e trabalhos de Lina Bo Bardi, renomada arquiteta brasileira anterior aos outros arquitetos citados. Suas produções são ricas e não se prendem a formalismos, explorando diferentes materiais e preocupadas com o contexto do local, à manifestação popular e as pessoas (Lima, 2016). Para Lina, a arquitetura deveria ter vida: desde suas intervenções em Salvador, quando utilizou os fundos de lote como áreas de convivência, aos seus projetos, onde sempre tentava construir um restaurante, dizendo que “onde tem comes e bebes, tem gente” ou ao programa do SESC Pompeia, que, para ela, é anterior ao projeto, era para as crianças

que já brincavam na Pompeia, que compravam pipoca - já estava ali (SESC Pompeia – SP, 2013).

Mesmo que não se trate de uma construção em local remoto ou de um patrimônio tombado, as referências demonstram exercício projetual respeitoso que atende a um propósito. A reforma da sede do Clube Palmares deve concretizar a visão dos membros, visando valorizar a cultura afro-brasileira de maneira respeitosa, evitando estereótipos. Fazer assim como Lina, Severiano e Kéré: arquitetura para as pessoas.

2.3 É fundamental citar o Renascença Clube e o Instituto Pretos Novos

O Renascença Clube e o Instituto Pretos novos são as referências basilares para a elaboração do projeto de reforma de um clube preto por concentrarem propostas distintas e igualmente importantes de preservação da memória afro-brasileira e africana.

Infelizmente, a situação enfrentada pelo Clube Palmares não é isolada. No século XX, concomitantemente à explosão dos clubes associativos, o país presenciou a criação de diversos clubes sociais negros, motivados principalmente pelo racismo enfrentado nos clubes sociais da elite branca. Esses espaços se tornaram essenciais para o associativismo negro, voltados à construção de redes de apoio entre a comunidade negra frente a esses processos de exclusão social e o apagamento histórico e cultural negro. Neles, se fortalecem laços de identidade, costumes e princípios em comum, valorizando a cultura afro-brasileira e resguardando sua memória. Como no caso do Palmares, além das atividades recreativas, muitos clubes incluíram o debate da questão racial.

O Renascença Clube, conhecido popularmente como Rena, é o primeiro clube social negro a ser fundado no Estado do Rio de Janeiro, em 1951, e forma com o Clube Palmares os únicos em funcionamento no Estado até os dias de hoje. Surgiu também pelo acesso de pessoas negras ser proibido nas sociedades de brancos e se tornou um espaço para reuniões, comemorações, bailes e festas, como um “símbolo de resistência e poder da comunidade negra” na cidade (Renascença Clube, s.d). O propósito atual é a difusão da cultura, história e tradições afro-brasileiras através de inúmeras atividades, como: a Feira Afro Rena, a Festa Literária do Renascença, Rena Cine, o Rena Cultural com o Centro de Memória do Clube, o Rena Educa com aulas de ginástica, jiu-jitsu, dentre outros, e eventos diversos, sendo os destaques principais os shows e rodas de samba, os maiores arrecadadores de fundos. Sua arquitetura é retraída e protegida, com uma fachada alta e neutra, assim como o Clube Palmares, porém possui um espaço maior em seu interior, que divide setores administrativos, de serviços e social. Nele estão áreas livres externas, onde ocorrem as feiras, uma cozinha externa, um galpão livre para mesas e manifestações artísticas, um depósito e bar externo, banheiros e um centro de memórias e exposição.



Figura 3: Renascença Clube.
Fonte: Denis Gahyva.

O Rena é um exemplo excelente por possuir uma proposta similar ao Palmares e com um alcance consideravelmente maior pela sua localização central no Rio de Janeiro. Dessa maneira, conta com maiores fundos para o funcionamento e para subsidiar suas atividades, se refletindo na sua infraestrutura. A partir dele, é possível traçar elementos e estratégias que colaborem para o projeto de reforma.

Já o Instituto Pretos Novos (IPN) foi criado em 2005 com o propósito de promover reflexões acerca da preservação da memória relacionada ao período da escravidão, com projetos educacionais, culturais e de pesquisa (Anjos, Pereira, 2011). Se localiza em uma antiga residência situada na rua Pedro Ernesto, número 36, na Gamboa, bairro do Rio de Janeiro, na região conhecida como Pequena África.

A residência carrega enorme volume de simbolismo. Em uma reforma, no ano de 1996, quando ainda era uma casa, foram encontrados ossos humanos durante a demolição do piso, que levaram à descoberta do Cemitério dos Pretos Novos, onde eram sepultadas pessoas escravizadas africanas recém-chegadas ao Rio de Janeiro, do século XVIII ao século XIX (Anjos, Pereira, 2011). Os testemunhos históricos são imensuravelmente valiosos e evidenciam a forma como essas pessoas eram tratadas e enterradas, além de conter diversos objetos pessoais. No cemitério foram sepultadas muitas pessoas escravizadas, de diferentes origens, com cerca de 6.000 corpos em um espaço de aproximadamente 110 metros apenas entre os anos de 1824 e 1830 (Anjos, Pereira, 2011).

A descoberta por ocasião deu origem ao IPN, que se tornou um importante sítio arqueológico e histórico que pretende preservar o patrimônio material e imaterial africano e afro-brasileiro, “valorizando a memória e a identidade cultural brasileira em diáspora” (Pretos Novos, s.d). Para isso, oferece oficinas, cursos livres e pós-graduações, promove pesquisas acadêmicas e a atividade

arqueológica, expõe parte dos achados em sua exposição permanente, assim como convida artistas para compor as exposições da Galeria Pretos Novos de Arte Contemporânea.

O espaço é diverso e aproveita da estrutura existente da casa para criar a Galeria de Arte Contemporânea, sua Galeria Permanente, um Laboratório de Arqueologia, onde são realizadas novas escavações e descobertas, a Loja IPN, áreas técnicas e uma pequena lanchonete. O IPN é uma instituição filantrópica mantida por voluntários e doações e, por isso, conta com um tratamento de interiores simples, que destaca ossadas existentes embaixo do piso em grandes superfícies envidraçadas, apresenta a realidade construtiva das paredes com tijolos de barro aparentes e referencia elementos da cultura afro-brasileira por meio de tons terrosos naturais, estampas étnicas e alguns elementos em palha, remetendo ao trabalho artesanal. O projeto se concentra nas galerias, sendo os ambientes dos fundos mais improvisados.

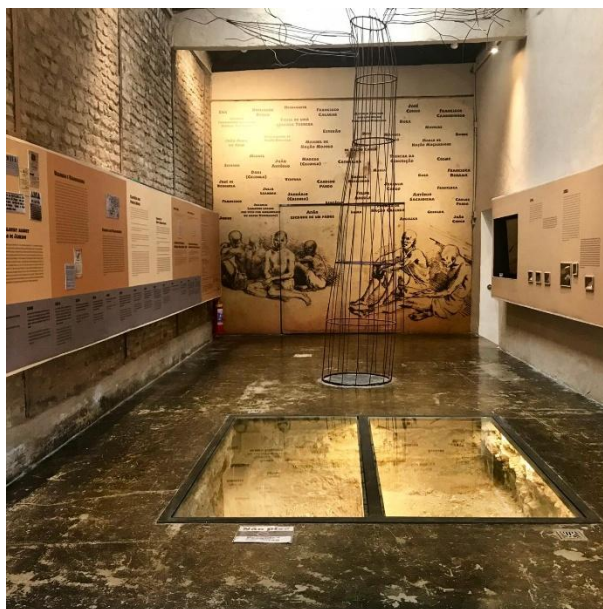


Figura 4: Instituto Pretos Novos.

Fonte: Acervo do IPN.

O Instituto Pretos Novos expõe a memória africana e afrobrasileira e a realidade da diáspora africana em um espaço pequeno e improvisado, porém carregado de simbolismos. Mesmo limitado por poucos recursos financeiros, o IPN é uma excelente referência pela forma como trata a memória e sua carga conceitual no espaço arquitetônico.

2.4 Teatro Oficina e Casa do Benin como referências projetuais

O Teatro Oficina Uzyna Uzona se localiza na Rua Jaceguai, no bairro Bela Vista, em São Paulo. Parte de uma proposta de teatro cuja arquitetura faz parte do espaço cênico: foi concebido como um teatro manifesto, procurando ser um teatro para a multidão, transcendendo as classes sociais, em algo que denominam tragicomédiaorgya (Bardi, 1999).



Figura 5: Teatro Oficina.
Fonte: Nelson Kon.

O projeto é de Lina Bo Bardi e Edson Elito, mas o teatro presenciou três diferentes fases: foi fundado com o projeto inicial em 1958, passou por sua primeira reforma, comandada por Flávio Império em 1967 após um incêndio destruir o edifício, e a segunda e presente intervenção de 1984. O projeto atual partiu do tombamento do imóvel em 1981 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo (CONDEPHAAT) e dos primeiros estudos de Lina para a reforma, desde o início com a proposta do conceito de rua (Arquitetura Cênica do Teatro Oficina, 2022). A intervenção pretende concretizar as propostas cênicas e espaciais de Zé Celso, ator e diretor que foi o fundador do teatro e um revolucionário no campo das artes cênicas do país, ao mesmo tempo que concilia as ideias dos arquitetos e a tendência modernista com tal simbolismo.

No projeto, todas as paredes internas do teatro foram demolidas, restando somente o fechamento externo em tijolos da década de 1920 e seus arcos romanos (Bardi, 1999). O palco se dá por uma longa rampa que conecta a entrada do Teatro aos fundos, como uma longa rua, por ideia de Zé Celso. A partir da “rua”, resulta uma arquitetura em que todo o espaço é cênico, com os atores, atrizes, técnicos, público, assim como os equipamentos e objetos de cena, participando do espetáculo (Arquitetura Cênica do Teatro Oficina, 2022). Se inspira diretamente nos sambódromos brasileiros, onde a atuação se adapta ao desfile e a passagem pela pista. No Oficina, a plateia ocupa três andares de galerias laterais construídas em andaimes metálicos desmontáveis com arquibancadas, bancos e cadeiras de madeira. Lidando com a carência extrema de recursos, aproveita a estrutura existente e explora técnicas construtivas para conforto ambiental que dispensem o uso de ar-condicionado. De

forma parecida, a ideia é incorporar tais premissas na arquitetura do Clube Palmares e analisar as possibilidades de instalação de estruturas desmontáveis, se adequando ao seu caráter múltiplo.

A ideia geral de Lina, como explica Marília Piraju no documentário *Arquitetura Cênica do Teatro Oficina* (2022), é transver a colonialidade do teatro à italiana, com as “galerias de Milano, mas com chão de terreiro, de rua”. Ele transcende o seu espaço físico, se estendendo a defesa do terreno vizinho, que abriga o Rio Bixiga e para onde as grandes esquadrinhas envidraçadas se voltam, representando uma importante luta pelo direito à cidade. Se trata de uma reforma respeitosa e ousada, que utiliza de diferentes materialidades, com destaque à galeria em estrutura de andaimes, e igualmente consciente ambientalmente, onde a natureza permeia o projeto.

De maneira parecida, o projeto de reforma e criação da Casa do Benin parte de um projeto de intervenção para o qual Lina Bo Bardi é convidada, com intuito de revitalizar o Centro Histórico de Salvador por intervenções pontuais, que seriam edificações representativas de países com influência na formação da cultura e identidade do povo brasileiro, cuja participação foi ignorada na nossa história por influência do homem branco (Zeuler, 2016). O projeto, inaugurado em 1988, se localiza na rua no sopé da ladeira do Pelourinho, em edificação que antes era um casarão colonial urbano típico do século XIX (Brasil Arquitetura, s.d). A construção conjuga duas edificações, sendo que uma pode ser considerada a principal e outra a vizinha (Brasil Arquitetura, s.d).

O casarão já havia passado por um incêndio e, posteriormente, uma restauração inadequada, que ocasionou em uma estrutura de concreto superdimensionada de reforço (Brasil Arquitetura, s.d). Na reforma, essas colunas foram revestidas com palmas de coqueiro trançadas à mão, remetendo ao trabalho artesanal africano, enquanto as escadas se deslocaram para entre as colunas, em contato com o muro de pedras e terra existente, que foi descascado e mantido (Brasil Arquitetura, s.d). As escadas referenciam àquelas contínuas em linha do período colonial e o caminho direto moderno. O último andar é alcançado com uma escada de ferro, ressaltando a leveza. A utilização de tantos materiais diferentes celebra a diversidade de técnicas e temporalidades e o contraste entre industrial e artesanal (Pirazzoli, Bierrenbach, Andrade, 2018). As instalações elétricas e hidráulicas, no teto, dividem espaço com tecidos e tapetes africanos em tons vivos e alegres. Evidencia-se a forma como o desenho de Lina prioriza práticas cotidianas e populares, como aponta Zeuler (2016).

A Casa do Benin ressalta uma das particularidades de Lina em relação aos demais arquitetos do movimento moderno: sua sensibilidade projetual. Para ela, o projeto deve partir de uma necessidade, como expressa ao aconselhar a jovens arquitetos que “quando se projeta, mesmo como aluno, é importante fazer uma obra que sirva, que tenha uma conotação de uso, de aproveitamento. É preciso que essa obra não caia do céu sobre os seus habitantes, mas que expresse uma necessidade” (Zeuler, 2016). É capaz de mesclar a linguagem modernista à tradição beninense, transmitindo uma imagem respeitosa e com traços de brasilidade da cultura africana. Os espaços, em sua maioria abertos e multiuso, propícios a diferentes formas de apropriação, são também referências importantíssimas.

Uma reforma principalmente interna que readequa totalmente a estrutura do casarão, abrindo as portas para todos. Os jardins e o restaurante convidam a visitar a museu sem o “ranço erudito da palavra cultural”, mas como a função social da cultura (Sesc Pompeia – SP, 2013). O restaurante busca também ser um espaço de interações, possuindo uma única mesa elíptica no formato da edificação e simbolizando o ciclo da vida - a serpente mordendo a própria cauda (Sesc Pompeia – SP, 2013).

2.5 Os programas do Centro Cultural Lá da Favelinha e da Pina contemporânea

O projeto do Centro Cultural Lá da Favelinha, realizado pelo Coletivo Levante, é uma referência projetual e programática muito importante. Localizada em Novo São Lucas, no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, a edificação foi erguida em 1995, mas nunca havia sido finalizada, até a reforma em 2017 (Archdaily, 2013). A construção do Centro durou aproximadamente 3 anos e se deu de forma coletiva, envolvendo a comunidade Lá da Favelinha, profissionais e estudantes do coletivo, designers, costureiras, empresas de engenharia, pedreiros, serventes, serralheiros, vidraceiros e pintores do Aglomerado da Serra (Archdaily, 2013). O Coletivo Levante é voluntário e 100% dos recursos arrecadados por vaquinha virtual foram destinados à execução das obras. Assim, se assemelha muito à ideia para a reforma do Quilombo Urbano, a ser projetado e construído de forma colaborativa, envolvendo a comunidade.



Figura 6: Centro Cultural Lá da Favelinha.
Fonte: Leonardo Finotti.

O Centro é uma organização artística-cultural que nasceu de uma oficina de rap e biblioteca comunitária, com livros arrecadados através de doações, que, com a demanda da comunidade, se tornou um espaço comunitário e de formação voltado às crianças e jovens da comunidade. Assim, pretende promover educação, cultura e desenvolvimento humano dos moradores (Lá da Favelinha,

s.d). Oferece oficinas gratuitas, voluntárias e semanais, além de eventos, uma cooperativa de moda sustentável, chamada Remexe, e constrói parcerias para desenvolver projetos socioculturais, buscando mobilizar pessoas de dentro e fora da comunidade (Archdaily, 2013).

O projeto reordena espacialmente a construção de três níveis, organizando os espaços amplos mais vazios para servirem à múltiplos usos, como o térreo e o terraço, enquanto qualifica os ambientes específicos (Archdaily, 2013). Melhora a circulação de ar e entrada de luz com a adoção de elementos vazados e janelas maiores, além das faixas vermelhas de tela agrária, que amenizam a insolação direta como brises e marcam a fachada. As telas são têxteis e foram costuradas pela equipe do Remexe (Archdaily, 2013). O partido conceitual, assim como o projeto em desenvolvimento, era refletir e reafirmar a alegria, vibração e potência criativa das pessoas que vivem o centro cultural, justificando o uso de cores fortes nos espaços internos (Lá da Favelinha, s.d).

É importante ressaltar a importância da participação popular na construção, que, além do brise têxtil, possui um mural da comunidade em sua entrada, o mobiliário em compensado da Fábrica Jangada e o parklet do coletivo Micrópolis com crianças e jovens da favela (Lá da Favelinha, s.d). Para o Coletivo Levante, tal postura configura uma forma mais íntima de estar e atuar na favela, abordagem que se reflete também na premiada Casa no Pomar do Cafezal, onde realiza-se um projeto residencial consciente, participativo e sustentável.

Se assemelha ao programa planejado para a reforma do Clube Palmares o projeto da Pina Contemporânea, realizado pelo escritório Arquitetos Associados em 2018 e inaugurado em 2023, é a extensão da Pinacoteca de São Paulo, no Parque da Luz (Arquitetos Associados, s.d). É construído como articulador entre a Praça e as edificações da Pinacoteca, sendo um dos seus princípios a conformação de um espaço aberto e público de conexão urbana que funcione como extensão da Praça (Arquitetos Associados, s.d).



Figura 7: Pina Contemporânea.
Fonte: Manuel Sá.

Aproveita das estruturas abandonadas de uma escola pública que funcionava no terreno e, dela, tira o partido do projeto, com dois corpos longilíneos articulados por um pátio central (Arquitetos Associados, s.d). Explora a criação de espaços flexíveis para maiores possibilidades de exposições, tanto internamente quanto externamente, assim como mescla a edificação moderna da escola com a contemporânea criada sem perder a unidade. Com um programa extenso, engloba diferentes funções em seus edifícios. No subsolo se concentram as áreas técnicas e a Grande Galeria, enquanto o térreo conta com os pátios e áreas de convivência, expositivas, salas educativas e áreas para tratamento das obras. O segundo pavimento recebe áreas de convivência com café, bar, cozinha e um salão multiuso. Apesar de ser um espaço muito maior que o Clube Palmares, a referência é valiosa pelo tratamento conferido aos espaços multiuso, impulsionando a interação entre as pessoas. Além disso, compartilha de alguns ambientes do Clube, como a biblioteca, as salas de aula e centro de documentação. As soluções plásticas e a mescla de materiais, aliadas à preservação da estrutura da edificação anterior, caracterizam um projeto sutil e atento às novas tecnologias.

2.6 Público alvo do clube e índices urbanísticos

A prioridade do Clube é atender à comunidade de pessoas pretas de baixa renda, com foco nas atividades de formação, visando incluir e colaborar para a educação e capacitação dessas pessoas. A cidade de Volta Redonda possui 261.563 mil habitantes, sendo que uma minoria de 46,7% é negra. Desse recorte, assoma-se que 21,8% são vulneráveis à pobreza, segundo parâmetros do Atlas Brasil (2010). Em relação à população geral com idade superior a 25 anos, uma parcela de 32,3% não tem o ensino fundamental completo (Atlas Brasil, 2010). Tais estatísticas expressam a importância da premissa formativa adotada pelo Palmares, delimitando um público-alvo estimado em 26.996 pessoas pretas de baixa renda no município. Infelizmente, as informações possibilitam constatar também que a desigualdade racial persiste em Volta Redonda, com a renda per capita de pessoas negras sendo 40% menor que a de brancos (Atlas Brasil, 2010).

A regulamentação do uso do solo no território de Volta Redonda se dá pela Lei Municipal Nº 1412 (1977), que também estabelece parâmetros quanto ao zoneamento. Entretanto, o Decreto Nº 967 (1977) a sobrepõe no que diz respeito às taxas de ocupação e coeficientes de aproveitamento definidas para as diferentes zonas da cidade. O Clube Palmares, por já possuir construções consolidadas, não precisa se adaptar a todas as exigências, porém as construções planejadas seguirão tais normativas. O bairro Jardim Europa, onde a sede se localiza, se enquadra em uma Zona Habitacional 2 (ZH2), sendo predominantemente residencial, e o uso como Clube é previsto na Lei como adequado. A taxa de ocupação limite é de 70% e o coeficiente de aproveitamento 4, sendo exigências o afastamento frontal de 4,00m, os laterais de 1,50m e dos fundos de 2,50m. As intervenções devem seguir o disposto na

Lei Municipal Nº 1414 (1976), que regulamenta as edificações do município. O tipo de uso do imóvel como “clube” não é mencionado na legislação, porém se enquadra por analogia ao definido como “locais de reunião” por receber um público maior. Dessa forma, deve atender a larguras especificadas para as circulações e seus acessos, assim como rampas e escadas, revestimentos incombustíveis, dentre outros, que influenciarão diretamente no resultado do projeto arquitetônico.

2.7 Entrevista com o presidente do clube Palmares

Edson Daniel João, conhecido como Mister, é presidente do Clube Palmares, atuou como Coordenador do Memorial Zumbi dos Palmares por mais de dez anos e é um membro de destaque do ativismo negro de Volta Redonda. Sua colaboração para o projeto é de grande importância e ressalta o valor da cultura palmarina e a sua história. Mister participou ativamente do Clube até os 19 anos, quando precisou se afastar para trabalhar, mas retornou após alguns anos e permanece ativo até os dias de hoje.

Na entrevista, Mister ressaltou a importância do movimento negro do Clube Palmares, atraente desde o início a ele por ser uma proposta de militância mais direta e ativa, com iniciativas de mudanças efetivas na sociedade. Durante sua juventude, vivenciou uma Companhia totalmente estratificada onde os negros, considerados mais fortes em um ponto de vista totalmente racista, recebiam os piores cargos, seja carregando peso ou na coqueria, lidando diariamente com gases nocivos à saúde, logo via na militância uma possibilidade de denunciar e interromper esse padrão. Participava, por exemplo, de ações em Escolas apresentando a história da luta negra e do Clube, possibilitando novos debates e, conseqüentemente, gerando maior visibilidade à causa. Contou que partiu do movimento negro do Clube Palmares a construção do Memorial Zumbi dos Palmares, um marco no país como um dos primeiros espaços culturais voltados para a cultura afro-brasileira.

O Clube alcançou, em seus primeiros três meses de funcionamento, quase cem associados e, dois anos depois, quase mil (Silva, Clímaco, 2020), mas enfrentou um declínio grave no final da década de 1980, como menciona Assis (2024), quase sucumbindo. Nos seus novos tempos, nos anos 2000, dá continuidade aos seus ideais, com os cursos de capacitação e a promoção de atividades. Para Mister, a proposta atual do Clube Palmares é garantir maior visibilidade e atrair uma nova geração de membros para conhecer o espaço e a luta palmarina. Para isso promovem além das suas oficinas tradicionais, outras voltadas para as manifestações negras em alta, como o hip-hop, grafite e a exibição de filmes e documentários relacionados e produzidos pelo movimento negro.

O presidente relatou que a sede do Clube, no início, era um terreno vazio que foi comprado pelos seus membros, onde construíram coletivamente de forma improvisada um galpão e o barracão, realizando melhorias conforme a disponibilidade de material e dinheiro. Mencionou que há o interesse de realizar reformas, que já existem levantamentos do Clube e algumas propostas iniciais de

intervenções, porém não tem acesso ao material completo. Em encontros posteriores, apresentou ao autor parte desses arquivos que conseguiu encontrar. Para Mister, os maiores problemas estruturais enfrentados pelo Clube são as rachaduras e os vazamentos que delas decorrem, causadas principalmente pela pressão do terreno. Em dias chuvosos, é comum que água infiltre pelo solo.

A utopia palmarina, para Edson, é a reforma do salão. A ideia que permeia o projeto de reforma deverá ser, como sugerido por ele, levar o Palmares além dos muros, para fora. O projeto pode melhorar o jardim, a estrutura, mas reforça que o muro é a materialização da luta enfrentada pelos palmarinos, uma afirmação e resistência, não podendo ser completamente demolido. Demonstra também o interesse em transformar a residência de Julinho dos Palmares em um Memorial para a exposição permanente de seus pertences. A partir dos seus relatos é possível delimitar as possibilidades e limites para o projeto de intervenção. Conhecedor da história do Clube, valoriza a estrutura original e visa a funcionalidade do conjunto.

2.8. Visita de campo ao Memorial Zumbi dos Palmares

O memorial é uma construção de grande valor para a população negra de Volta Redonda. Nomeado em homenagem à Zumbi dos Palmares, relembra o último líder do Quilombo dos Palmares e sua bravura perante o colonialismo. É um centro cultural com objetivo de fomentar e preservar a cultura afro-brasileira (Cultura de Volta Redonda, s.d). Como elucida a Cultura de Volta Redonda (s.d), o memorial oferece diversas atividades gratuitas, como aulas de dança de salão, dança afro, percussão, capoeira, canto, teatro, charme e jongo. Recebe também apresentações e eventos culturais em geral. De importância ao município, foi tombado em 1992 como patrimônio material (Cultura de Volta Redonda, s.d).

A iniciativa para a construção do memorial partiu do Clube Palmares, em um momento em que o movimento negro se aliou ao governo de Wanildo de Carvalho (1989-1993) e decidiu simbolizar e marcar a luta negra da cidade, segundo entrevista concedida por Edson Daniel João (2025). O terreno onde foi construído antes abrigava a praça dos funcionários do exército durante a Ditadura Militar e, com o projeto, passa por uma ressignificação importante (Edson Daniel João, 2025).

Seu espaço conta com um anfiteatro e sala de exposições em um fluxo simples e direto. O anfiteatro é convidativo e sua cobertura em lona tensionada com estrutura metálica se destaca na paisagem e marca como uma referência, enquanto a sala de exposições é discreta e semienterrada. A setorização concentra as funções administrativas no centro de exposições, com a diretoria, copa, depósito, sala de reuniões e banheiros, e deixa o anfiteatro totalmente aberto. Apesar de ser uma arquitetura bem pensada, possui o grande problema de inundações pelo fato de suas estruturas serem enterradas. Enquanto o anfiteatro tem a capacidade de acumular e reter água, a sala de exposições sofre com infiltrações e vazamentos durante as chuvas. Os principais motivos são a proximidade à

passagem do Córrego Cachoeirinha e o solo da Vila Santa Cecília ser alagável.

O projeto de Selso Dal Belo utiliza de referências afro-brasileiras para construir um espaço que represente o público-alvo da construção. Conforme Edson Daniel João (2025), foi concebido em forma de berimbau, com o anfiteatro sendo a cabaça, e a grande escultura de aço, projeto de Rogero Masson, do acesso principal representa Zumbi dos Palmares em liberdade e pedindo liberdade. As grades possuem desenhos do machadinho de Xangô e flechas, representando bem religiosidade de matriz africana. Como uma obra que concilia o movimento moderno com a representação da cultura negra e pensada junto aos palmarinos, é uma referência essencial para a concepção do projeto do Clube Palmares.

2.9. Programa de necessidades

O programa de necessidades elaborado se aproveita de sugestões da entrevista, das orientações dos projetos de referência e sua conformação, para a readequação dos espaços construídos e novas construções. O Clube Palmares, atualmente, conta com área construída de aproximadamente 554,9 m² em seu terreno de 946,00 m², com o setor social interno, o setor misto, educativo, social externo e íntimo. Sua taxa de ocupação é de 58,6%, próxima aos 70% limites para a Zona e o coeficiente de aproveitamento 0,6.

A premissa do projeto de reforma será o baixo custo e a facilidade, visando a construção pelos próprios membros do Clube Palmares. Com igual relevância, serão exploradas técnicas ancestrais buscando resgatar elementos e valores afro brasileiros na arquitetura. Além disso, os princípios da sustentabilidade auxiliarão em um projeto ecologicamente consciente, utilizando, por exemplo, do reaproveitamento de águas pluviais e a instalação de biodigestores, para impulsionar atividades de conscientização ambiental no Clube, ao mesmo tempo que diminuirá gastos. A reforma, em geral, possibilitará um retorno financeiro através de parcerias em que o espaço possa ser utilizado em outros eventos, como já ocorre atualmente.

Conta com dois programas de necessidades, um atual a partir do levantamento do espaço, e outro planejado para o projeto de reforma:

Tabela 1: Programa de Necessidades do Projeto de Reforma do Clube Palmares.

	PROGRAMA DE NECESSIDADES			
	ATUAL		PLANEJADO	
	Ambiente	Área (M ²)	Ambiente	Área (M ²)
Setor Social Interno	Salão Multiuso	335,64	Barracão Cultural	423,14
	Bilheteria	4,37	Sala Multiuso	18,85
	Camarin	14,75		
	Administração	11,40		
	Caixa	4,92		

Setor Misto	Bar	12,64	Bar	12,64
	Sanitário Masculino	14,02	Sanitário Masculino	11,93
	Sanitário Feminino	14,93	Sanitário Feminino	12,82
	Depósito	17,77	Sanitário PCD	3,60
			Cozinha	17,77
Setor Educativo	Centro de Documentação	8,71	Biblioteca	26,56
	Biblioteca	17,31	Sala de Aula	44,25
	Sala de Aula	44,25	Pátio Descoberto	135,91
	Cozinha	15,00		
	Pátio Descoberto	135,91		
Setor Social Externo	Pátio Descoberto	390,68	Pátio Descoberto	390,68
Setor Íntimo	Residência de Julinho dos Palmares	25,60	Setorização a ser extinta na reforma. Será considerado Setor Educativo 02.	
	Depósito	8,47		
	Banheiros	5,10		
	Pátio Descoberto	126,67		
Setor Educativo 02	Setor a ser criado na reforma		Museu Palmares	17,13
			Centro de Documentação	13,12
			Armazenamento do Acervo	10,00
Total de Área Construída		554,88		611,81

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da apresentação dos estudos preliminares desenvolvidos, buscou-se apresentar uma metodologia e substanciar um futuro projeto de reforma para o Clube Palmares, também servindo como base para projetos semelhantes a serem desenvolvidos. Os passos descritos explicitam a necessidade de um aprofundamento no objeto arquitetônico anteriormente às intervenções, se estendendo de seu terreno delimitado a todo o espaço físico ao seu redor em uma abordagem multidisciplinar que analise seu contexto histórico, motivações, premissas e usos, e sua construção. Dessa forma, pretende-se a elaboração de um projeto mais consciente e respeitoso.

Com a proposta de alcançar uma nova geração, o Clube atualmente promove atividades importantes voltadas a preservar a memória e fomentar o ativismo negro de Volta Redonda. Logo, a reforma de seu espaço será capaz de auxiliar a disseminar essa mensagem e visibilizá-lo como um ponto consolidado de luta na região Sul Fluminense, além de contribuir para o empoderamento dos palmarinos. Um ambiente adequado contribuirá também para que a sede se torne um espaço mais acolhedor e uma incubadora de novos movimentos e atividades voltados para a preservação da identidade negra.

A ideia norteadora para o projeto é “refletir a mensagem palmarina na arquitetura”

justamente para demarcá-lo na cidade e, especificamente, em um bairro majoritariamente branco com um nome que faz referência a países europeus, como um espaço decolonial de presença e resistência negra.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Ana. PEREIRA, Julio. **A Saga dos Pretos Novos**. Rio de Janeiro, Governo do Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura, 4 ed., 2011.

ARANTES, Pedro. **Arquitetura Nova**: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos Mutirões. São Paulo, Editora 34, 2002.

Archdaily. **Centro Cultural Lá da Favelinha / Coletivo LEVANTE**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/976529/centro-cultural-la-dafavelinha-coletivo-levante>. Acesso em: mar.2025.

Arquitetos Associados. **Pina Contemporânea**. Disponível em: <https://arquitetosassociados.arq.br/pina-contemporanea/>. Acesso em: fev.2025.

ARQUITETURA Cênica do Teat(r)o Oficina. Marília Piraju. Brasil, SEMINAIS TECNIZADOS #1, 2022

ASSIS, Jéssica. **O Associativismo Negro no Vale do Paraíba - O Clube Palmares de Volta Redonda (1940-1970)**. 2024. UFJF, Juiz de Fora, 2024.

BARDI, Lina. **Teatro Oficina**. Lisboa: Editorial Blau, 1999.

Brasil Arquitetura. **Casa do Benin na Bahia - Colaboração com Lina Bo Bardi**. Disponível em: <https://brasilarquitetura.com/project/casa-do-benin-na-bahialina>. Acesso em: fev.2025.

Clube Palmares. **Institucional**. Disponível em: <https://www.clubepalmares.org.br/institucional>. Acesso em: fev. 2025.

Cultura de Volta Redonda. Memorial Zumbi dos Palmares. Disponível em: <https://cultura.voltaredonda.rj.gov.br/memorialzumbi/>. Acesso em: mar.2025.

João, Edson Daniel. Entrevista concedida a Guilherme Silva Hott. Volta Redonda, 01 abril 2025. Entrevista Pessoal.

Kéré Architecture. **Work**. Disponível em: <https://www.kerearchitecture.com/work>. Acesso em: fev.2025.

Lá da Favelinha. **Quem Somos**. Disponível em: <https://ladafavelinha.com.br/quem-somos/centro-cultural/>. Acesso em: mar.2025.

LEFEBVRE, Henri. **Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Zeuler. **Lina Bo Bardi e a Arquitetura do Quotidiano**: Sobre a Exposição na Escola da Cidade. Resenhas Online, São Paulo, ano 15, n. 179.07, Vitruvius, nov.2016.

LOPES, Alberto. **A Aventura da Forma**: Urbanismo e Utopia em Volta Redonda. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2023.

LUCAS, Douglas. COSTA, Gisele. SILVA, Leonardo. Clube Palmares: Um Quilombo em

Movimento Formador. Sinergias, Porto, n. 17, jan.2025.

MOREIRA, Andréa. **A Inscrição do Movimento Moderno no Patrimônio Arquitetônico e Urbanístico em Volta Redonda**. Volta Redonda: Editora FERP, 2014.

PIRAZZOLI, Giacomo. BIERRENBACH, Ana. ANDRADE, Nivaldo. **A Herança de Lina Bo Bardi em Salvador, Bahia**. Minha Cidade, São Paulo, ano 19, n. 220.01, Vitruvius, nov.2018.

PEITER, Paulo. TOBAR, Carlos. **Poluição do Ar e Condições de Vida: Uma Análise Geográfica de Riscos à Saúde em Volta Redonda**, Rio de Janeiro, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 14, n.3, set.1998.

Pretos Novos. **Institucional**. Disponível em: <https://pretosnovos.com.br/ipn/>. Acesso em: ago. 2025.

Renascença Clube. Quem Somos. Disponível em: <https://renascencaclube.org.br/sitenovo/quem-somos/>. Acesso em: ago. 2025.

SESC Pompeia (SP). Paulo Markun e Sérgio Roizenblit. Brasil, SescTV, 2013. Disponível em: <https://youtu.be/qhBZXCl8Z8?si=97acdN4a4O-6oalP>. Acesso em: mar.2025.

SILVA, Leonardo. **A Classe Trabalhadora tem Cor: Democracia Racial e Desenvolvimento em Volta Redonda (1946-1987)**. NORUS, Pelotas, v.4, n.5, jan-jul.2016.

SILVA, Leonardo. **“Chá de Revelação da Raça”**: Clube Palmares e a Agência Negra em Volta Redonda. Portal Geledés, 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chade-revelacao-da-raca-clube-palmares-e-a-agencia-negra-emvolta-redonda>. Acesso em: fev.2025.

SILVA, Leonardo. CLÍMACO, Thompson. **Lugares de Memória dos Trabalhadores #60: Clube Palmares, Volta Redonda (RJ)**. LEHMT, 2020. Disponível em: <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-60clube-palmares-volta-redonda-rj-leonardo-angelo-e-thompsonclimaco/>. Acesso em: fev.2025.

VOLTA REDONDA. Decreto Nº 967, de 9 de novembro de 1977. Regulamenta o Art.16 da Lei Municipal Nº 1412, de 1º de fevereiro de 1977, altera as tabelas a que se refere o Art. 11 do Decreto Nº 942, de 17 de maio de 1977, e dá outras providências. Volta Redonda: Câmara Municipal, 1977. Disponível em: <https://www2.voltaredonda.rj.gov.br/smp/arquivos/dcu/leismunicipais/Lei1412.pdf>. Acesso em: 24 ago.2025.

VOLTA REDONDA. Lei Municipal Nº 1412, de 1º de fevereiro de 1977. Fixa normas de zoneamento e de uso do solo no município de Volta Redonda, Estado do Rio de Janeiro. Volta Redonda: Câmara Municipal, 1977. Disponível em: <https://www2.voltaredonda.rj.gov.br/smp/arquivos/dcu/leismunicipais/Lei1412.pdf>. Acesso em: 24 ago.2025.

VOLTA REDONDA. Lei Municipal Nº 1414, de 22 de dezembro de 1976. Fixa normas e regulamenta as edificações no município de Volta Redonda e dá outras providências. Volta Redonda: Câmara Municipal, 1976. Disponível em: <https://www2.voltaredonda.rj.gov.br/smp/arquivos/dcu/leismunicipais/Lei1414.pdf>. Acesso em: 24 ago.2025.

ZEIN, Ruth. **Severiano Porto**. Revista Projeto, Rio de Janeiro, v.83, jan.1986.